



Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

Hiperlugares móveis e apropriação do espaço público: os trios elétricos da “Carreta Furacão” como organizadores da cultura urbana

Prof. Me. Haniel Israel¹

Me. André França²

Arq. Julia Detolvo³

Caio Albuquerque Escaleira⁴

Prof. Dr. Valter Caldana⁵

Resumo: Considerando as manifestações artísticas nos espaços públicos urbanos, verificou-se como tendência o crescimento das atrações de cunho musical e circense por meio de veículos customizados. Os trios elétricos, para além de sua identidade nos carnavais, podem ser compreendidos como construtores de cultura urbana sob o ponto de vista das relações sociais. Dentro desse contexto, o objetivo deste trabalho é apresentar o diálogo entre os hiperlugares móveis e a cidade; visa explicitar os trios elétricos enquanto estimuladores de apropriação urbana. Para tanto, este estudo foi conduzido por vias empíricas, cuja metodologia elencou-se revisões bibliográficas e análise de estudo de caso que versa sobre a “Carreta Furacão”. Desse modo, as análises iniciais mostraram que as adaptações criativas do transporte para usos além de sua função utilitária, resultam das relações biunívocas entre artefato-sociedade, as quais engendram modos peculiares de apropriação do espaço público.

Palavras-chaves: Território. Identidade. Cultura urbana. Hiperlugares móveis. Trios elétricos.

¹ Prof. Substituto, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, IFBA - Campus Barreiras, Brasil. Doutorando e bolsista CAPES no PPGAU-Mackenzie, São Paulo, Brasil | hanielisrael.92@gmail.com

² Arquiteto e Urbanista; Jornalista. Mestre em Arquitetura e Urbanismo e pesquisador no Lab. de Projetos e Políticas Públicas, FAU Mackenzie, São Paulo, Brasil | almf.ad25@gmail.com

³ Arquiteta e Urbanista. Pesquisadora no Lab. de Projetos e Políticas Públicas, FAU Mackenzie, São Paulo, Brasil | julia.detolvo.cruz@gmail.com

⁴ Graduando, bolsista PROEX e Pesquisador no Lab. de Projetos e Políticas Públicas, FAU Mackenzie, São Paulo, Brasil | caioalbuquerqueescaleira@gmail.com

⁵ Professor e Diretor do Lab. de Projetos e Políticas Públicas, FAU Mackenzie, São Paulo, Brasil | valter.caldana@mackenzie.br





Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

Mobile hyperplaces and appropriation of public space: the music trucks of “Carreta Furacão” as organizers of urban culture

Prof. M.Sc. Haniel Israel⁶

M.Sc. André França⁷

Arch. Julia Detolvo⁸

Caio Albuquerque Escaleira⁹

Prof. PhD. Valter Caldana¹⁰

Abstract: Considering artistic manifestations in urban public spaces, a growing trend has been observed in musical and circus attractions using customized vehicles. In addition to their identity in Brazilian carnivals, the music trucks can be understood as builders of urban culture from the point of view of social relations. Within this context, the objective of this work is to present the dialogue between mobile hyperspaces and the city; it aims to explain the music trucks as stimulators of urban appropriation. To this end, this study was conducted empirically, whose methodology included bibliographical reviews and analysis of a case study that deals with the “Carreta Furacão”. Thus, the initial analyses showed that creative adaptations of transportation for uses beyond its utilitarian function result from biunivocal relations between artifact and society, which engender peculiar ways of appropriating public space.

Keywords: Territory; Identity; Urban culture; Mobile hyperspaces; Music trucks.

⁶ Professor at FAU, IFBA - Campus Barreiras, Brazil. Phd Candidate in Urban Planning, FAU, Mackenzie University, São Paulo, Brazil | hanielisrael.92@gmail.com

⁷ Architect and Urban Planner; Journalist. M.Sc. in Architecture and Urbanism. Researcher at Lab. of Projects and Public Policies, FAU, Mackenzie University, São Paulo, Brazil | almf.ad25@gmail.com

⁸ Architect and Urban Planner. Researcher at Laboratory of Projects and Public Policies, FAU, Mackenzie University, São Paulo, Brazil | julia.detolvo.cruz@gmail.com

⁹ Student and Researcher at Laboratory of Projects and Public Policies, FAU, Mackenzie University, São Paulo, Brazil | caioalbuquerqueescaleira@gmail.com

¹⁰ Professor and Director at Laboratory of Projects and Public Policies, FAU, Mackenzie University, São Paulo, Brazil | valter.caldana@mackenzie.br





Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

1 Introdução

A cidade enquanto objeto de pesquisa é recorrente em campos de conhecimento multidisciplinares, cujo protagonismo se constata, a princípio, nas relações entre as áreas da geografia humana, da sociologia, da economia e do urbanismo. Em linhas gerais, esses estudos visam compreender as suas configurações quanto às causas imbricadas nos processos de urbanização.

Aproximando-se do contexto geográfico das cidades brasileiras, o conjunto de técnicas que as representam na totalidade do espaço urbano é crucial para verificação dos aspectos fixos, físicos e/ou materiais que as compõem, assim como para análise das técnicas sociais e as imaterialidades resultantes, para além dos seus traços consideravelmente expressivos em relação às formas de desigualdade e exclusão.

Não obstante, em se tratando do desenvolvimento das técnicas sociais e das imaterialidades espaciais por elas produzidas que são, portanto, mote deste estudo, os postulados da dialética material e histórica corroboram para organização estrutural do presente arcabouço teórico, ora substancial às discussões das manifestações culturais no espaço. Esse último assume preponderância na obra de Milton Santos, que entende as dimensões físico-temporais mediante à sua condição totalitária, as quais se constituem fundamentalmente por meio das relações sociais (Santos, 2012, p. 171).

Assim sendo, o espaço tal como instância da sociedade e estrutura correspondente à ação humana, sintetiza uma forma sujeita à interação de fatores decorrentes das técnicas sociais, no intuito de produzir “seu espaço como lugar de sua própria reprodução” (Saquet; Silva, 2008, p. 31).





Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

Na qualidade de território, o espaço abstrato quando imbuído de significados e assim transformado pela utilização humana para criar o seu espaço geográfico, torna-se objeto de delimitações flexíveis, passível de produções e reproduções em função das estruturas de poder e das ações territorializadas por diversos agentes atuantes em seus respectivos processos construtivos (Saquet; Silva, 2008, p. 32).

Por esse viés percebe-se que, na transição do século XX para o século XXI, surgia uma sociedade tipicamente urbana e influenciada pela ruptura do pensamento tradicional de cidade e dos efeitos elásticos, de suas fronteiras espaciais e das forças verticais que operam e que produzem o espaço urbano. Depreende-se, nesse sentido, as possibilidades do “fazer-cidade” e de como essas ações constituem caminhos alternativos de territorialização protagonizados pelos cidadãos, assim engendrando meios de identidade e pertencimento no espaço urbano, que também se constrói por movimentos e fluxos no interior das relações sociais (Agier, 2015, p. 484).

Portanto, este estudo insere-se entre os temas do território e da cultura urbana, na perspectiva das vivências espaciais protagonizadas pelos hiperlugares móveis, considerando a conjuntura de suas materialidades e imaterialidades e que, por fim, organizam parte de sua identidade no tocante às festas populares em cidades do interior brasileiro. Nesse contexto, tornou-se necessário realizar pesquisas bibliográficas inseridas nesse recorte temático, além do estudo de caso dos hiperlugares móveis e do protagonismo dos trios elétricos da “Carreta Furacão” a fim de conhecer possíveis regionalismos através dessa manifestação cultural.



Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

2 Sociedade hipermoderna: territorialização dos hiperlugares

No Pós-Segunda Guerra (1939-1945), o advento das políticas neoliberais em detrimento do modelo keynesiano de Estado, a disseminação das novas tecnologias de comunicação e as repercussões da desregulamentação da economia a nível global, inicialmente, somam-se a um conjunto de eventos contribuintes para o surgimento do que o sociólogo francês François Ascher nomeia de “terceira revolução urbana moderna” (Naspolini, 2009, p. 21).

Em face dessa profusão de acontecimentos históricos, a emergência de uma sociedade hipermoderna, individualizada e racionalizada, passou a transformar os modos de interação nas suas relações biunívocas com o espaço urbano, modificando as estruturas urbanas características da produção de cidade do século XX (Secchi, 2009).

Nesse contexto, o habitat urbano ora em adaptação à sociedade hipermoderna, sobretudo no começo dos anos 2000, passou a indicar como vetor dessas transformações socioespaciais o fenômeno dos hiperlugares.

Tal concepção, para tanto, partiria de um entendimento amplo das configurações urbanas existentes considerando *a priori* seus efeitos de metropolização e as políticas decorrentes desse processo na lide das demandas hipermodernas¹¹. Não obstante, François Ascher (2009, p. 204) sublinha a

¹¹ Assim sendo, os efeitos da dispersão ou espraiamento teriam proporcionado um retorno ao foco antropocêntrico das experiências primárias da urbe, tanto nas grandes cidades sob processos de metropolização quanto outras cidades que assimilaram indiretamente a latência dessas mudanças espaciais. Representando então colapsos de cidade do século XX na cidade do século XXI, as ações de planejamento urbano, entretanto, testificam traços de ações tecnocráticas no enfrentamento ou coalizão diante da complexidade das grandes estruturas que moldam as grandes escalas e a monumentalização do desenho urbano (Israel et. al, 2019, p. 11).



Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

necessidade de ação conjunta entre cidades e sociedades, evidenciando o urbanismo para além de sua consolidação de campo de conhecimento e de suas técnicas espaciais, em especial no que se trata das possibilidades interventoras e das ações reformadoras ou renovadoras nas cidades.

Portanto, para compreender inicialmente o conceito de hiperlugar, é essencial reconhecer a cidade como um texto que se manifesta tanto em suas características materiais quanto imateriais. Ela está sujeita à multiplicidade de significados que emergem da disposição das "palavras", da organização das "frases" e dos "parágrafos". Esse texto, ou melhor, hipertexto, representa uma sociedade hipermoderna onde as interações e as camadas de significado se entrelaçam de maneira complexa, refletindo a dinâmica e a complexidade das experiências urbanas contemporâneas. Para Ascher (République Française, 2006), trata-se, portanto de uma:

(..) sociedade em parte nova, lugares urbanos em parte novos. Uma sociedade onde as pessoas se movem em todas as direções em todas as horas do dia e da noite, uma sociedade de hipertexto, onde as pessoas rapidamente se deslocam de um ambiente social para outro, onde sequências de atividades se sobrepõem e se entrelaçam, onde os laços sociais são escolhidos, construídos, são formados, mas também se desarmam mais livremente. Essa sociedade, hipermoderna, engendrando novos lugares: os hiperlugares.

Nesse contexto, o termo "hipertexto" denota as conexões entre palavras que adquirem significados diferentes a partir de outros textos. Conforme Naspolini (2009, p. 60) observa, o sufixo "hiper" sugere uma conotação de espaço com inúmeras dimensões. Além disso, os indivíduos atuam como pontos de ligação entre universos distintos, movendo-se conforme suas próprias regras.





Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

Essa sociedade hipermoderna, de acordo com Ascher (2009; 2010), é marcada pelas particularidades da terceira revolução urbana moderna, influenciada por atividades econômicas altamente competitivas. Em um contexto de crescente incerteza, emerge uma sociedade cada vez mais individualizada e diversificada. Historicamente, este cenário se desenvolve a partir dos desdobramentos do pós-Segunda Guerra Mundial, com o modelo keynesiano de Estado e a posterior ascensão da agenda neoliberal, que enfatiza a supremacia do setor financeiro em detrimento dos regimes de regulação econômica. Ambos esses contextos facilitam a disseminação das novas tecnologias de comunicação e informação (Israel et. al, 2019, p. 12).

3 Manifestações artísticas e a apropriação do espaço público

O espaço público se destaca pela inscrição de diversas vivências e fenômenos sociais, que permitem a reflexão crítica para compreensão da arte e cultura contemporâneas. Nesse espaço, em constante transformação e inovação, a obra de Charles Baudelaire destaca o papel do “flâneur” como observador urbano que vagueia pela cidade e protagoniza as relações e experiências efêmeras da vida moderna (Baudelaire, 1984). O “flâneur” denota o espaço urbano como palco dos acontecimentos e *locus* das disputas de poder, ao mesmo tempo em que se permite ocultar em meio à multidão.

Por esse viés, a poética de Baudelaire (1984; 2010) representaria um ambiente fragmentado e multifacetado que, por intermédio do sistema capitalista submeteria o sujeito histórico à alienação de sua identidade, ao passo que reduziria as relações sociais às dinâmicas mercantilistas (Menezes, 2018, p. 63).



Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

Com os avanços das tecnologias e das sociedades industrializadas no começo do século XX, assim como o consequente impacto desses na automação da vida cotidiana e na produção das manifestações culturais, Walter Benjamin tomou a produção de Baudelaire como peça-chave para compreensão desses fenômenos, dada a essência da experiência urbana e a alienação¹² que caracteriza o cotidiano moderno no lirismo baudelairiano.

Se a produção do espaço urbano e *modus operandi* das modernidades imbuídas nesse processo representam a atuação das forças dominantes, por outro lado, as práticas de apropriação do espaço público, em específico as manifestações de caráter artístico e transitório nas cidades, podem revelar indícios de resistência ou figurar movimentos locais de contracultura à vida mecanizada, uma vez observada a busca pela identidade cultural e pela afirmação das subjetividades individuais e coletivas nesses eventos (Martins, 2024).

3.1 Cidade, ritos e a apropriação dos espaços públicos: breve panorama histórico

Em se tratando dos festejos populares, aqui compreendidos como expressividades de cunho cultural e artístico, além do interesse urbanístico, verifica-se na história da cidade que muitos eventos passaram a contribuir à construção imagética das manifestações, que alguns eventos dessa natureza não esgotaria o assunto, tendo em vista a realização de os cortejos reais e suas variações e/ou

¹² Essa mecanização da vida pode ser compreendida na conjuntura simbólica dos espaços urbanos fragmentados, tidos como metáforas da experiência fragmentada da vida moderna; nesse sentido, Benjamin entende que a mecanização e a industrialização crescente transformaram o espaço urbano e a experiência cotidiana, criando um ambiente propício à alienação da subjetividade, ao empobrecimento das relações sociais e da supressão do ócio em função da modernidade que se configurava no espaço urbano (Benjamin, 2010).

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

transformações em procissões religiosas, desfiles militares, marchas populares, carnavais, entre outrostantos exemplos, que acompanham a conjuntura das identidades socioculturais e dos avanços tecnológicos no bojo do festejos populares¹³.



Fig. 1 - Procissão na Praça São Marcos

Autor: Gentile Bellini, 1496 (pintura sobre tela)

Fonte: it.wikipedia.org/wiki/Processione_in_piazza_San_Marco

O cortejo, como festejo popular, identifica-se pela criatividade ao expressar acepções dos temas socioculturais de sua época, e se valendo de figurinos típicos, músicas, danças e encenações. Essas celebrações não visam apenas retratar episódios históricos e de caráter religioso, mas trazem sobre si a efemeridade de apropriação dos espaços públicos, principalmente nas ruas e praças, emergindo

¹³ Para além das alegorias que simbolizam acessos ao direito à cidade, o uso dos espaços públicos para a realização de manifestações artísticas pode oferecer um amplo horizonte de exemplos e registros que remontam o passado da urbis, isto é, “da cidade para a cidade” (Brito, 2002), revelando modos de organização e representação cultural nas relações biunívocas entre sociedade e “o fazer cidade” nos seus aspectos imateriais. Essas manifestações artísticas quando condicionadas por meio de passagens ou deslocamentos, portanto, elencam mudanças de percepção das forças dominantes, da transitoriedade dos papéis sociais, dos modos de utilização do espaço público (Damatta, 1997, p. 108), permitindo assim novas possibilidades de ritualização do percurso através da cidade.



Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

“sensibilidades urbanas” para manutenção das tradições populares (Gonçalves, 2013, p. 30), produzindo ou reforçando as referências de coletividade, identidade e memória no seio das relações sociais.

Durante a República de Veneza (697-1697), crônicas e diários antigos relatamos festejos da alta Idade Média que definiriam traços culturais diretamente associados aos espaços públicos locais, tendo como mote as procissões que ocorriam com frequência expressiva, seja em percursos por terra ou mesmo por água. A cidade de Veneza acolhia celebrações coreográficas, em que características tradicionais de culto ao mito da cidade se confluíam com os elementos de ordem religiosa e política das classes sociais da época (Dal Borgo, 2016).

Para além das tradições religiosas, a movimentação dos interesses políticos fez com que surgisse a necessidade de codificações nesses eventos, o que explicaria o surgimento da figura do “mestre de cerimônias” para supervisionar as festividades com a diplomacia e intermédio do Palazzo Ducale, bem como a utilização de insígnias e vestimentas específicas pelas elites para assim representar o Estado (Fig. 1).

Tomando grande salto para o século XVII em diante, no que tange o advento do Estado moderno e a institucionalização das forças armadas, os desfiles e paradas militares surgiram como mecanismos de demonstração de poder nos grandes centros urbanos. Esse tipo de cortejo, que detém em si mesmo a representação estatal mais do que o amálgama genuíno dos festejos populares, pode ser compreendido como uma forma de apropriação dos espaços públicos da cidade que objetivam a disseminação da cultura militar, a qual poderia se configurar em desfiles de soldados e nas frotas de veículos projetados para funções de combate, de modo



Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

a atrair a atenção ou impor uma imagem aos espectadores. Roberto Damatta (1997, p. 114), nesse sentido, apresenta a seguinte reflexão:

(...) Nas paradas, os personagens são as autoridades que, paradas num palanque, recebem as “continências” dos soldados. (...) A rígida separação entre o povo massificado, de um lado, e de outro as autoridades e os soldados a elas associados, revela bem o esqueleto e o drama de uma sociedade na sua vertente mais autoritária, quando a rua e a praça são tomadas do povo e passam a pertencer aos soldados que, armados e fardados, renovam seus laços de lealdade para com as autoridades.

Conquanto os espaços públicos figuram processos de dominação dos “corpos dissidentes” por parte da mentalidade colonialista das elites e de suas intervenções, as quais obedeciam os padrões europeus de urbanização (Martins, 2024), os cortejos carnavalescos ou carnavais de rua, portanto, são emblemáticos pelo seu caráter político e cultural na formação identitária da sociedade brasileira.

Sendo um exemplo clássico notório, o carnaval de rua¹⁴ (Fig. 2) propicia o encontro aberto das categorias urbanas, isto é, a casa e a rua, dicotomizadas pelas forças dominantes e pela conseqüente segregação social repressora (Damatta, 1997, p. 117). Para tanto, as festividades do carnaval ressignificam as características utilitárias e banais dos espaços públicos da cidade, “(...) como se a sociedade fosse capaz de, finalmente, inventar um espaço especial onde rua e casa se encontrassem” (1997, p. 146).

A apropriação da rua pelo carnaval se identifica nos “bloquinhos” populares, nos “cordões” tradicionais, e principalmente, nas músicas e fantasias. A possibilidade

¹⁴ A irreverência e a jocosidade provenientes do Entrudo português (Damatta, 1997, p. 115) marcariam os primórdios da história do carnaval, cujos traços acompanhavam a musicalidade das “marchinhas” e que, nessa profusão cultural, passaram a estimular apropriações de praças e ruas.

Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

de supressão dos códigos sociais em meio ao espaço público identifica no evento um ato libertador, com distintas camadas de interação. Para além das brincadeiras, o anonimato permite formular novas relações sociais em identidades efêmeras, gerando cenário para encenações e protestos. Enquanto figuras como papangus¹⁵ e caboclos de lança¹⁶ dominam as cenas pernambucanas, encantando os foliões com suas máscaras e ornamentos coloridos, os “bate-bolas”¹⁷ marcaram um histórico de apreensão nas ruas do Rio de Janeiro, pelo ruído de seus protestos. Para além das fantasias integrais, sob a curiosidade da população, essas expressões se utilizam do mistério da identidade para promover o uso intensivo da rua, palco de suas manifestações artísticas e sociais.



Fig. 2 - Carnaval de rua no Rio de Janeiro antigamente

Fonte: intrinseca.com.br/blog/2016/02/os-guinele-e-o-carnaval-de-rua

¹⁵ Símbolos do Carnaval de Bezerros, em Pernambuco, são parte do Patrimônio Cultural Imaterial do Estado, com registros ainda no século XIX. Assemelham-se a arlequins, com máscaras decoradas.

¹⁶ Figuras folclóricas do Maracatu Rural pernambucano, com origem afro-indígena. As fantasias contam com camadas de tecido, fitas coloridas e chocalhos, além de uma lança de madeira com fitas.

¹⁷ Os “bate-bolas”, ou “Clóvis” são parte do Patrimônio Cultural Carioca de Natureza Imaterial, com ação nas zonas norte e oeste da capital fluminense. Além das fantasias, os integrantes usam instrumentos de bexiga para bater no chão em forma de protesto contra a opressão social.

3.2. Criatividade popular e a evolução dos hiperlugares móveis

Os festejos populares incidem relações efêmeras com o espaço urbano, gerando o conceito dos hiperlugares móveis. Como expressão mais significativa, o carnaval conta com o trio elétrico, como elemento centralizador das manifestações itinerantes. Considerado como uma invenção genuína brasileira (Lacerda, 2013, p. 86), este consiste em um palco móvel instalado sobre uma carroceria de veículo pesado, com flexibilidade de amplas interações com o público. Contam ainda com sistemas de iluminação, som, imagem, além de infraestrutura técnica para apoio às performances.

Tal como uma “ópera andante”, o trio elétrico surgiu na Bahia dentro de um contexto de modernidades e de transformações culturais nos anos 1940, período esse de mudanças sociopolíticas e que marca a invenção da guitarra baiana (Lacerda, 2013, p. 86), tido como um dos eventos precursores do trio elétrico. A concepção do veículo foi elaborada pelas figuras carnavalescas do radiotécnico Adolfo Nascimento (Dodô) e do mecânico Oscar Macêdo (Osmar) — músicos do conjunto “Os Três e Meio” criado por Dorival Caymmi — tendo a sua primeira aparição no carnaval de Salvador em 1951, por meio de uma adaptação de um Ford 1929 sem capota, ora apelidado de “Fobica” (2013, p. 88).

Desse modo, deduz-se que o trio elétrico se consagra como uma das primeiras experiências de hiperlugar móvel no âmbito da cultura brasileira, justificando-se no agrupamento de instrumentos tecnológicos da época em conjunto com elementos históricos do carnaval soteropolitano, tais como sistema de autofalantes, performances musicais, percussão e cortejo nas ruas da cidade. Outrossim, é que a configuração do hiperlugar móvel não se restringe apenas ao

veículo isolado em si, mas se estenderia à conjuntura urbana e social dos festejos populares, uma vez que o protagonismo do trio elétrico corroborou para que fossem atenuadas as fronteiras entre as segmentações e fragmentações socioculturais durante as festividades do carnaval em Salvador.



Fig. 3 - “Fobica” - veículo precursor dos trios elétricos

Fonte: ebuxixo.com.br

Após o caso pioneiro do “Fobica” (Fig. 3) se disseminar na cultura do carnaval soteropolitano, outras adaptações criativas de veículos se materializaram no transcurso das inovações dos trios elétricos, até assumir as formas diversificadas que se conhece atualmente, concomitante aos avanços das tecnologias de som e das possíveis flexibilidades de montagem das carrocerias. Cumpre salientar que tais inovações foram promovidas pelos organizadores dessas tecnologias e que culminaram iconicamente nos exemplos dos trios dos blocos Tapajós, de 1969, Saborosa, de 1979, Traz os Montes, de 1982 (Lacerda, 2013).

Para além da disseminação dos trios elétricos, há que considerar as adaptações criativas de outros veículos que engendraram singularidades na

perspectiva artefato-sociedade no interior brasileiro. Não menos importante, a configuração dos hiperlugares móveis nas cidades dos anos 1990, a título de exemplo, protagonizaria o surgimento dos “trenzinhos da alegria” (Fig. 4). Trata-se da composição de carros alegóricos montados como trem e decorados com elementos temáticos voltados ao público infantil, com performances de personagens de desenho animado, assim visando trazer entretenimento aos “passageiros” e à cidade como atração itinerante.



Fig. 4 - Exemplar do “Trenzinho da Alegria” no interior brasileiro

Autor: Prefeitura Municipal de Iconha (ES)

Fonte: www.iconha.es.gov.br

Com efeito semelhante aos “trenzinhos da alegria”, os caminhões natalinos da Coca-Cola se tornaram referência tanto nas mídias de comunicação quanto na transfiguração dos espaços urbanos. A afetividade dessas campanhas (Silva; *et. al*, 2016, p. 7), direciona-se à disponibilização de parte da frota de caminhões para reforçar a marca através dos “signos natalinos”. A companhia promove a decoração de sua frota, assim como as frotas de ônibus municipais são enfeitadas para circular

durante o período natalino. Os caminhões, por sua vez, performam a divulgação de forma mais efetiva, ao levar a “cultura natalina” da marca até os lugares mais remotos do interior brasileiro. O interesse popular na chegada dos caminhões demonstra como a ação de proximidade mantém relevância no imaginário popular.



Fig. 5 - Caminhões da Caravana Coca-Cola

Fonte: www.techtudo.com.br

4 A Carreta Furacão e a apropriação urbana

Com formação desde 2007 na cidade de Ribeirão Preto, interior de São Paulo, o grupo de entretenimento brasileiro que realiza desfiles e apresentações em ruas e praças a bordo de um trio elétrico ou carreta adaptada, passou rapidamente a se popularizar por suas performances e personagens icônicos. Os grupos “Carreta Furacão” se tornaram um fenômeno na internet e nas redes sociais, tendo em vista a viralização de vídeos e a reprodução de conteúdo a partir desses, desdobrando-se em *gifs*, memes e outras mídias, as quais corroboram para divulgação de suas passagens por diversas cidades brasileiras (Inocêncio, 2016, p. 121).

Com mais de cem grupos semelhantes no Brasil, os integrantes da Carreta Furacão realizam acrobacias, danças e estabelecem meios de interação com as pessoas. Além das características típicas das carrocerias decoradas das “carretas furacão”, os integrantes ligados a esse coletivo independente, em geral realizam suas apresentações trajados de personagens icônicos, ora provenientes de desenhos animados e programas infantis da televisão. Assim como em manifestações do carnaval, os integrantes mantêm o anonimato durante as performances, fomentando a vertente lúdica e o mistério por trás das personagens.



Fig. 6 – Integrantes da “Carreta Avassaladora” dançam em ruas de Araraquara (SP), em abril de 2018.

Reprodução de vídeo [YouTube].

Fonte: [youtube.com/watch?app=desktop&v=I6IXJoL5MNE](https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=I6IXJoL5MNE)

No que tange às expressividades, os integrantes circulam pelas ruas ao lado das carretas, utilizando os espaços da cidade e fachadas das edificações para suas coreografias (Fig. 6). Calçadas, paredes, muros, gradis, árvores, postes e veículos estacionados servem de apoio interativo nas apresentações. Por vezes, os artistas fantasiados sobem e pulam de casas, adentram estabelecimentos e convidam pessoas a dançar ao som de músicas que vão do *funk carioca* aos clássicos infantis.



Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

Enquanto negócio, a Carreta Furacão se utiliza de veículos adaptados para realizar o transporte de pessoas, devidamente decoradas com luzes, cores, decalques e demais elementos visuais que coadunam com as fantasias dos dançarinos (Fig. 7). Os veículos contam com potentes sistemas de som, que auxiliam na passagem dos trios elétricos, clamando pela aproximação popular. Aos interessados, é possível subir nas estruturas das carretas, a preços módicos, com o intuito de passear pela cidade e acompanhar as apresentações dos artistas durante o trajeto (Nicas, Moriyama, 2023).

Considerada como movimento que permeia nas relações sociais locais, dada a irreverência das performances circenses, a Carreta Furacão, por meio de seus diferentes grupos, é replicada nas vivências dos seus integrantes e do público espectador eventual. Em comum, o *locus* de interação das manifestações artísticas: a rua pública. Assim como os demais grupos de “trenzinhos da alegria”, os desfiles das carretas proporcionam momentos de reinterpretação, valorização e uso majorado dos espaços públicos. Nesse sentido, as múltiplas camadas que se agrupam na unidade do trio elétrico em si, para além de sua manifestação artística, constituem relações biunívocas na construção imaterial e efêmera dos hiperlugares móveis.

Ao chegar em uma nova cidade, a carreta luminosa se torna um evento em si e promove o interesse dos moradores locais; muitos dos quais optando por subir nos veículos e participar ativamente do show. A relação artística, por sua vez, ocorre em uma segunda dimensão, voltada para fora da carreta, ao eixo viário, onde os dançarinos acrobatas se apresentam de fato. Estes passam a ocupar um interstício espacial entre os espectadores, ora a bordo do trio elétrico, ora em meio à urbe. O



palco se volta à própria estrutura urbana, servindo a rua de cenário ao público da carreta, assim como às muitas câmeras que registram os passos em vídeos para internet e redes sociais.



Fig. 7 – Modelo de carroceria típica utilizada para as apresentações “Carreta Furacão”
Fonte: jornalsomos.com.br

As personagens dançantes, por outro lado, também são alvos de questionamentos por suas performances, com alegações de barulho, desordem e fomento de acidentes, em que já foram registradas escalada de imóveis e atropelamentos. Na justiça, também se questiona o uso comercial indevido da imagem de personagens sem as devidas autorizações legais e/ou pagamentos¹⁸, deixando as aparições dos grupos em constante evidência.

O sucesso das apresentações resultou em contratações para uma variedade de eventos, incluindo tanto os de caráter público quanto privado, que buscam capturar a essência popular dos grupos. A natureza errante segue como marca

¹⁸ Principal figura associada ao grupo, “Fofão” teve alteradas as características físicas da fantasia e o próprio nome para “Fonfon”, devido processo judicial movido pela família do criador do personagem, o ator e comediante Orival Pessini, falecido em 2016.



Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

indissociável de suas ações, refletindo a tradição de uma arte que se reinventa constantemente. Tal como um circo itinerante, os grupos migram de cidade em cidade, permanecendo por breves temporadas em cada local, o que lhes permite levar sua arte a diferentes comunidades. Durante as apresentações, o uso pleno das ruas e espaços públicos gera uma aproximação da população com essa forma de arte.

5 Hiperlugares móveis na relação artefato-sociedade

A partir da conjuntura dos hiperlugares móveis e da produção de espaço urbano em termos materiais e imateriais, constata-se em primeira análise, a natureza virtual da cidade pela qual se explicaria a abrangência do urbano para além das dimensões físicas (Lefebvre, 2006). Desse modo, percebe-se que, na transição do século XX para o século XXI, surgia uma sociedade tipicamente urbana e influenciada pela ruptura do pensamento tradicional de cidade e dos efeitos elásticos, de suas fronteiras espaciais e das forças verticais que operam e que produzem o espaço urbano.

Depreende-se, nesse sentido, as possibilidades do “fazer-cidade” e de como essas ações constituem caminhos alternativos de territorialização protagonizados pelos cidadãos, assim engendrando meios de identidade e pertencimento no espaço urbano, que também se constrói por movimentos e fluxos no interior das relações sociais (Agier, 2015, p. 484).

Nesse “fazer cidade”, que sublinha as relações artefato-sociedade no espaço urbano, especialmente no contexto dos hiperlugares móveis, revela como as manifestações culturais e populares ressignificam as cidades e redefinem as





Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

dinâmicas tecnológicas e sociais entre si (Lhamas; Mulher, 2021). Os exemplos supracitados e, principalmente, o aprofundamento no caso da Carreta Furacão, se destacam pelas expressividades culturais e também assumem protagonismo nas relações sociais, atuando como artefatos que articulam novas formas de interação social, identidade coletiva e apropriação do espaço público.

Historicamente, os espaços públicos das cidades se tornaram indelévels pelos simbolismos que os configuraram, ao passo que se consagraram emblemáticos ao representar os palcos de ritos que reforçavam identidades socioculturais. No Brasil, essa relação entre artefato e sociedade assumiu novas dimensões com o surgimento dos trios elétricos, que incorporam tecnologia e criatividade popular para transformar as ruas em celebração e resistência, não estando restrito, portanto, aos tradicionais carnavais.

A Carreta Furacão exemplifica a evolução e a amplificação dessa ideia. Tendo a sua essência próxima ao conceito do trio elétrico, a Carreta Furacão transforma o espaço urbano em um ambiente dinâmico e interativo, onde a performance artística e a arquitetura da cidade se fundem. Assim sendo, a apropriação temporária e efêmera dos espaços urbanos exemplifica como os hiperlugares móveis reconfiguram a relação entre artefato e sociedade, ao mesmo tempo que criam novas formas de apropriação tecnológica, convivência e expressão cultural (Lhamas; Mulher, 2021).

Por fim, as análises iniciais indicam que os hiperlugares móveis exemplificam a capacidade das manifestações populares de se adaptar e transformar o espaço público, promovendo novas formas de interação social e cultural. Assim, os



hiperlugares móveis como os trios elétricos e a Carreta Furacão se destacam como artefatos centrais na articulação de identidades coletivas e na ressignificação do espaço urbano, evidenciando a fluidez e a resiliência das práticas culturais na sociedade contemporânea.

6 Considerações finais

O estudo do fenômeno da 'Carreta Furacão' ilustra a interseção entre tradição dos carnavais e a inovação tecnológica das relações artefato-sociedade, demonstrando como elementos culturais são reformulados dentro do contexto urbano. A mobilização de grupos independentes e a influência das mídias sociais se revelam como fatores de reconfiguração dos espaços públicos, influenciando nas relações sociais contemporâneas. As análises iniciais dessas práticas culturais não esgotam o assunto com base nas experiências urbanas estudadas, mas proporcionam verificar um horizonte abrangente da vida urbana, no que tange às questões de identidade, cultura, sociedade, suas tecnologias e modernidades.

Referências bibliográficas

AGIER, Michel. *Do direito à cidade ao fazer-cidade*. O antropólogo, a margem e o centro. *Mana*, [S.L.], v. 21, n. 3, p. 483-498, dez. 2015. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-93132015v21n3p483>. Acesso em: 22 ago. 2024.

ASCHER, François. *L'Age des métropoles*. La Tour-D'Aigues: L'Aube, 2009. 392 p.

_____. *Os novos princípios do urbanismo*. São Paulo: Editora Romano Guerra, 2010. 104 p.

BAUDELAIRE, Charles. *O Pintor da Vida moderna*. Autêntica Editora, 2010.

_____. *As flores do mal*. São Paulo, SP: Victor Civita, 1984.



Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

BENJAMIN, Walter. *A Modernidade e os Modernos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 2010. 104 p.

BRITO, Marcelo. *Urbis, uma estratégia de atuação*. *Arquitextos*, São Paulo, ano 02, n. 022.06, Vitruvius, mar. 2002. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/02.022/803>. Acesso em: 22 ago 2024.

DAL BORGO, Michela. *Celebrazioni religiose e ricorrenze laiche della Repubblica di Venezia*. *Veneto Storia [Blog]*. 18 jan. 2016. Disponível em: www.venetostoria.com. Acesso em: 22 ago. 2024.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. (1ª edição). Rio de Janeiro: Rocco Digital, 1997. Livro eletrônico. 404 posições.

GONÇALVES, Renata de Sá. *O cortejo festivo e sensibilidades urbanas: as marchas populares em Lisboa*. *Teoria e Cultura: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFJF*, vol. 8, n. 1 (jan-jun), Juiz de Fora, 2013. Disponível em: periodicos.ufjf.br/index.php/TeoriaeCultura. Acesso em: 22 ago. 2024.

INOCENCIO, Luana. *Apropriações meméticas na #PrimeiraGuerraMemeal: sociabilidade, subculturas e consumo de humor nos memes digitais*. In: NICOLAU, Marcos (Org.). *Internet difusa: diversidade de práticas midiáticas e processos interacionais*. 1ed. João Pessoa: Ideia Editora, 2016, v. , p. 117-152

ISRAEL, Haniel; GIANNELLA, Isabela; BRIAND, Clémentine; CALDANA, Valter. *Hiperlugares móveis: configuração das feiras livres em São Paulo*. In: XVIII ENANPUR - Natal, 2019. Disponível em: <https://xviiienanpur.anpur.org.br/anaisadmin/> Acesso em: 22 ago 2024.

LACERDA, Ayeska Paulafreitas de, *Atrás do trio elétrico – evolução da mídia e impactos nas práticas musicais do carnaval de Salvador*. *Interin. Curitiba*, v. 16, n. 2, p. 85-101, jul./dez. 2013. Disponível em: redalyc.org/articulo.oa?id=504450769008. Acesso em: 22 ago. 2024





Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

LHAMAS, Fernando Antônio de Melo Pereira; MULHER, Rodrigo. *Tecnologias e Sociedade: o papel dos indivíduos na criação de fatos artefatos*. RIGS - Revista Interdisciplinar de Gestão Social, v. 10, n. 1, p. 161-170. Salvador, 2021

LEFEBVRE, Henri. *A produção do espaço*. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). [S.l.], 2006.

MARTINS, Bárbara S. *O carnaval de rua enquanto alegoria do direito à cidade em sua plenitude*. Observatório das Metrôpoles, 8 fev. 2024. Disponível em: www.observatoriodasmetropoles.net.br. Acesso em: 22 ago. 2024.

MENEZES, Marcos Antonio de. *Fourmillante cité na poesia de Baudelaire*. Revista XIX, [S. l.], v. 2, n. 5, p. 58–70, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistaXIX/> Acesso em: 22 ago. 2024.

NASPOLINI, Vicente. *Paradigmas do Urbanismo: a contribuição de François Ascher*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina - Programa de Pós-graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade. Florianópolis, 2009. Disponível em: https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSC_de40d4edf7558d19c2fcbb637c16ec1b. Acesso em: 22 ago 2024.

NICAS, Jack; MORIYAMA, Victor. *Suba a bordo da Carreta Furacão da Alegria*. The New York Times, 14 de novembro de 2023. Disponível em: <https://www.nytimes.com/pt/interactive/2023/11/01/world/americas/brasil-carreta-furacao-fofao.html>. Acesso em: 25 ago 2024.

RÉPUBLIQUE FRANÇAISE. *Le mouvement dans les sociétés hypermodernes - François Ascher* [Videoconferencia]. Canal U, 4 jan. 2006. Disponível em: <https://www.canal-u.tv/chaines/utls/deplacements-migrations-tourisme/le-mouvement-dans-les-societes-hypermodernes-francois>. Acesso em: 22 ago. 2024.

SANTOS, Milton. *Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica*. São Paulo, SP: EDUSP, 2012.

SAQUET, Marcos Aurélio; SILVA, Sueli Santos da. *Milton Santos: concepções de geografia, espaço e território*. Geo UERJ - Ano 10, v. 2, n. 18, 2º semestre de 2008. p. 24-42.





Os desafios do desenvolvimento socioambiental e as horizontalidades: Pontes entre região, o Estado e o cotidiano

Florianópolis (SC) – 2024

SECCHI, Bernardo. *A cidade do século vinte*. São Paulo, SP: Perspectiva, 2009.

SILVA, Maria Amanda F. da; SILVA, Rebecca de S.; DANTAS, Fabrícia Silva. *Publicidade e afeto no Natal da Coca-Cola: uma análise sobre o uso da semiótica nos filmes publicitários da marca*. XVIII INTERCOM. Caruaru, 2016. Disponível em: https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/lista_area_IJ02.htm. Acesso em: 22 ago. 2024

